

Grupo Informal de História Medieval
Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal
www.gihmedieval.com

Incipit 6 ***Workshop de Estudos Medievais da*** ***Universidade do Porto, 2017***

COORDENADORES

André Silva

CITCEM – Universidade do Porto

CIDEHUS – Universidade de Évora

Carlos Teixeira

CITCEM – Universidade do Porto

João Martins Ferreira

CEPESE – Universidade do Porto

Leandro Ferreira

CEPESE – Universidade do Porto

Mariana Leite

Instituto de Filosofia – Universidade do Porto

Porto, 2018

Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

ISBN: 978-989-54104-2-2

Apoio:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

F

Instituto de Filosofia



U. PORTO

 **AEFLUP**

Ficha técnica

Título: Incipit 6. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2017

Coordenadores: André Silva, Carlos Teixeira, João Martins Ferreira, Leandro Ferreira, Mariana Leite

Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

Local de edição: Porto

Ano de edição: 2018

ISBN: 978-989-54104-2-2

Capa: Flávio Miranda

Composição e paginação: André Silva

Grupo Informal de História Medieval
Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

www.gihmedieval.com

A Capela de São Frutuoso de Montélios: Princípios do seu Desenho

Nídia Pereira Teles
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Resumo:

O presente artigo expõe os pontos fulcrais que conduziram a proposta de dissertação para o Mestrado Integrado em Arquitectura¹, e os principais aspectos e conclusões da sua realização. O estudo desenvolve-se no âmbito da arquitectura altimedieval presente em território nacional, e tem como objecto de estudo a Capela de São Frutuoso de Montélios. Pretende uma nova leitura da capela, através de uma abordagem que visa o uso das ferramentas de trabalho e da perspectiva do arquitecto, como modo de “ver” pelo desenho. Na prática, desenvolve-se em torno dos princípios de desenho presentes no objecto de estudo, como a medida, o módulo-base e relações de proporção. A investigação tem ainda por base o estudo comparativo de relações de desenho e proporção através da sobreposição e manipulação de escala de desenhos. As comparações-chave são: A Basílica de Dume, que certamente terá servido de referência de desenho; e a Capela do Bom Jesus de Valverde, construída após uma visita a Montélios.

Palavras chave:

Arquitectura, Desenho, Metrologia, Proporção

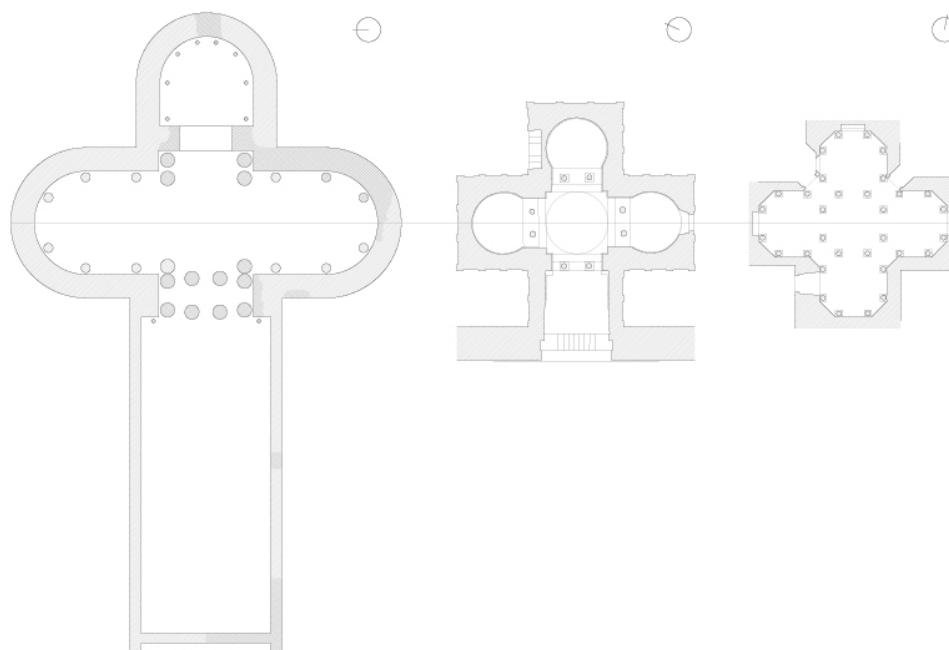
Abstract:

This article presents the leading aspects for the execution of the Master dissertation in Architecture, and the main conclusions of its completion. The dissertation develops within the Early Middle Ages architecture present in the Portuguese territory, and its study focus in the Chapel of São Frutuoso de Montélios. Its intention is to bring forward a new reading and approach to the Chapel of São Frutuoso de Montélios, closely linked to the architect’s perception and working tools – through drawing analysis. In practice, the main focus is the principles of the chapel’s design, such as, a measure, module and proportional relations. This investigation also makes a thorough comparative study of the principals of design and the proportional relations between buildings, through the overlay and scale reduction/enlargement of drawings. The key comparisons are: the Basilica of Dumio, near Montélios, which certainly served as a design model; and the Chapel of Bom Jesus de Valverde in Évora, building inspired by a visit to Montélios.

Keywords:

Architecture, Design, Metrology, Proportion

¹ A investigação que decorria durante o IX Workshop de Estudo Medievais 2017 resultou na dissertação de mestrado *A capela de São Frutuoso de Montélios*, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Marta Oliveira, e apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto a 13 de Novembro de 2017. O conteúdo do presente texto corresponde à proposta da comunicação apresentada no WEM 2017, porém ficam também registadas as principais reformulações realizadas no decurso da investigação, assim como as sugestões da Professora Doutora Lúcia Rosas (Universidade do Porto) e da Adriana Gallardo Luque (U. Complutense de Madrid).



Basílica de Dume, Capela de S. Frutuoso e Capela do Bom Jesus de Valverde
 (Dume: adaptação de desenhos de Luís Fontes; S. Frutuoso: desenho da autora; Valverde: adaptação de desenho de Marta Oliveira)

1. TEMA, OBJECTIVOS E PROBLEMÁTICA

1.1. TEMA

A dissertação tem como propósito desenvolver um estudo em torno dos princípios de desenho presentes na arquitectura altomedieval em território nacional, partindo de um objecto de estudo. O tema central desenvolve-se no âmbito da arquitectura de planta centralizada, de referência de cruz grega, que se encontrava difundida na Península Ibérica durante a Alta Idade Média,¹ e é designada para estudo a Capela de S. Frutuoso de Montélios (séc.VII – IX/X).

Partindo do objecto – a Capela de S. Frutuoso – esta investigação procura explorar as suas relações de desenho com duas obras chave: a Basílica de Dume² (Braga, séc. VI), obra que difunde a tipologia cruciforme na Península Ibérica e que se implanta na proximidade de Montélios, razão pela qual se questiona em que medida lhe serviu de

¹ Justino Maciel refere que a planta cruciforme se desenvolve durante o séc. VII. Aponta como primeiros exemplos em território português Dume (Braga) e Montinho das Laranjeiras (Algarve). Refere ainda que neste período se desenvolve a dinâmica centrada de que são exemplos: S. Frutuoso de Montélios (Braga), S. Pedro de la Mata (Toledo), Sta. Maria de Melque (Toledo), Sta. Comba de Bande (Orense), S. Pedro de la Nave (Zamora). Justino Maciel, “A arte da Antiguidade Tardia”, em *História da Arte Portuguesa*, dir. de Paulo Pereira, 103-149 (Lisboa: Temas e Debates, 1995), vol.1, 133-136.

² “A Basílica de Dume introduziu, um novo modelo arquitectónico na Hispania, (...) sendo exemplo mais acabado desta dinâmica a Igreja/Mausoléu de S. Frutuoso de Montélios, vizinha de Dume, cuja primeira fase data, na nossa maneira de ver, do tempo de S. Frutuoso, nos meados do século VII.”

Maciel, “A arte da Antiguidade Tardia”, 130.

referência e como ambas se relacionam; e a Capela do Bom Jesus de Valverde¹ (Évora, séc. XVI), inserida na mesma tipologia de planta centralizada e erguida após uma visita do Cardeal Infante D. Henrique à Capela de S. Frutuoso.

O estudo comparativo prende-se nas relações de desenho e proporção, estabelecidas através da sobreposição e da ampliação e redução de desenhos. Além das comparações acima mencionadas, destaca-se o estudo comparativo com um conjunto de obras com que a Capela de S. Frutuoso apresenta maior afinidade: Sta. Comba de Bande (Orense), S. Pedro de la Mata (Toledo) e Sta. Maria de Melque (Toledo). No decorrer da investigação são ainda estudados outros edifícios de referência, os quais se inserem num panorama de obras peninsulares, enquadradas, também temporalmente, no âmbito deste estudo.

1.2. OBJECTIVOS

Em primeiro lugar, investigar que medida está na base do projecto da Capela de S. Frutuoso. Para além disso, se é possível determinar um módulo-padrão que explique algumas medidas principais da capela, ou seja, estabelecer que modulação serve de base ao seu desenho.

Em segundo, inquirir e explorar se porventura existirão relações de desenho, métrica e proporção possíveis de se estabelecer entre a Basílica de Dume e a Capela de S. Frutuoso, e de que forma o desenho de Dume poderá ter servido de modelo para o projecto da Capela de S. Frutuoso.

E, em terceiro, procurar afinidades de desenho e entender de que modo o conhecimento da Capela de S. Frutuoso terá participado no imaginário e ter-se-á reflectido nas formas de Bom Jesus de Valverde, e, num diálogo inverso, olhar o que de Bom Jesus de Valverde, na sua forma e constituição, é possível retroverter para uma compreensão da própria espacialidade da Capela de S. Frutuoso.

1.3 CONTEXTO E PROBLEMÁTICA

A Capela de S. Frutuoso de Montélios é um Monumento Nacional² localizado na área periurbana de Braga,³ na freguesia de Real, situada a Sul do rio Cávado e atravessada por um curso de água de pouca expressão. É possível que a capela se tenha implantado

¹ Foi “o Bom Jesus de Valverde, junto à Cidade de Evora, que o Cardeal Dom Henrique mandou fazer quasi pelo mesmo modo, depois que em Braga tinha visto esta.” Frei Manoel de Monforte, *Chronica da Provincia da Piedade* (Lisboa: Na officina de Miguel Manescal da Costa, 1751), 232. O Infante D. Henrique é nomeado administrador do Arcebispado de Braga em 1533, mas “só em 1537 entrou pela primeira vez em Braga”. Em 1539 é nomeado Arcebispo de Évora. Cf. Fortunato de Almeida, *História da igreja em Portugal* (Porto: Portucalense, 1967-1971), 597-598.

Vaseu, que esteve em Évora entre 1541 e 1550, dedicou a obra “*Chronici*” ao Cardeal Infante D. Henrique, com estudos desenvolvidos em matérias da Idade Média. Assim, como afirma Marta Oliveira: “Especula-se se o conhecimento sobre a capela de S. Frutuoso seria certamente mais aprofundado do que aquele que terá obtido no âmbito de uma visita pastoral” Marta Maria Cabral, *Bom Jesus de Valverde: um estudo da igreja e do claustro do convento* (Porto: Edição da autora, 1988), 29-30, 78.

² MN - Monumento Nacional, Decreto n.º 33 587, DG, I Série, n.º 63 de 27 março 1944 / ZEP, Portaria n.º 624/2014, DR, 2.ª série, n.º 143 de 28 julho 2014.

³ Braga era a capital provincial da *Gallaecia* e sede episcopal desde início do séc. IV, e nos séc. V e VI serve de capital ao Reino Suevo, vindo continuamente a afirmar a sua importância como centro difusor do cristianismo no Noroeste Peninsular. Em 585, este reino foi anexado ao Reino Visigodo.

sobre as preexistências de uma *villa* romana,¹ e estaria associada à via romana XIX,² que estabelecia ligação entre Braga e Lugo, a mesma que servia a Basílica de Dume.

A sua origem tem datação atribuída à segunda metade do séc. VII, por fundação de São Frutuoso³ (fal. 665). São Frutuoso foi um monge godo fundador de mosteiros que, enquanto bispo de Dume (653-665) e de Braga (656-665),⁴ funda, em Montélios, um mosteiro que consagra a São Salvador, e em cuja capela pretendia ser sepultado. É ainda consensual que a obra tenha passado por uma reconstrução algures nos séc. IX-XI, dada a presença de elementos moçárabes, que, segundo alguns autores,⁵ se inserem no contexto da Reconquista e da renovação do culto cristão.

No séc. XVI o conjunto de S. Salvador é convertido pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa⁶ num mosteiro da Ordem dos Capuchos da Piedade. As obras terão sido realizadas por volta de 1523, e, tanto quanto se sabe, a Capela de São Frutuoso não terá sofrido alterações de maior. Desta intervenção terá sido ainda construída uma igreja. Já no séc. XVIII, sob o arcebispado de D. Rodrigo de Moura Teles,⁷ são efectuadas alterações que comprometem o aspecto da capela. É construída a nova Igreja de S. Francisco, que integra a Capela de S. Frutuoso como capela secundária. São destruídas partes das fachadas e do interior, e o novo conjunto deixa-a completamente ocultada.⁸

Em 1834, com a extinção das ordens religiosas em Portugal, o conjunto conventual ao qual estava associada a Capela de S. Frutuoso, é encerrado e vendido a particulares. Só em finais do séc. XIX o interesse por este templo é renovado pelos estudos de Ernesto Korrodi,⁹ o que culmina numa intervenção a cargo da DGEMN¹⁰ nos

¹ Apesar de incerta a existência de uma *villa* romana, a Capela de S. Frutuoso faz aproveitamento de material romano: “embora no seu edifício [Capela S. Frutuoso] se reutilizem materiais arquitectónicos romanos, fustes e capitéis.” C. A. F. de Almeida, “Arte da Alta Idade Média”, em *História da Arte em Portugal*, dir. de Jorge Alarcão, 94-164 (Lisboa: Publicações Alfa, 1986), 97.

² Estão ainda presentes troços reminiscentes da via XIX nas imediações de Montélios e de Dume.

³ São Frutuoso foi um monge visigodo e bispo de Dume e Braga, nascido em Astorga no séc. VII.

⁴ Cf. Almeida, *História da igreja em Portugal*, 54.

⁵ Alguns autores que tratam o assunto são C.A. F. de Almeida, Manuel Real e Luís Fontes.

Almeida, “Arte da Alta Idade Média”, 122-123; Manuel Real, “Inovação e Resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no Ocidente peninsular”, em *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica (Lisboa, 1992)*, 17-68 (Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, 1995), 66.

Em *Vita Fructuosi*, obra dos finais do séc. VII, encontramos referência de que o Mosteiro de S. Salvador foi fundado por São Frutuoso. E, após as invasões árabes, a presúria de Montélios data do séc. IX, tomando sua posse o presbítero Cristóvão que a doa à Sede de Santiago, o que é confirmado por Afonso III das Astúrias em 883. É neste contexto, inserido na Reconquista e na valorização dos bispos da época suevo-visigótica que a capela de S. Salvador surgiria agora dedicada a São Frutuoso. Cf. C. A. F. de Almeida, “Arte da Alta Idade Média”, 123.

É ainda de referir que em 1102 dá-se o episódio que fica conhecido como *pío latrocínio*, quando Diego Gelmírez, leva as relíquias de São Frutuoso para o seu bispado em Sant’Iago de Compostela. Cf. Emma Falque Rey, *História Compostelana* (Madrid: AKAL, 1994), 94.

⁶ D. Diogo de Sousa foi Arcebispo de Braga de 1505 a 1532. Cf. Almeida, *História da igreja em Portugal*, 598.

⁷ D. Rodrigo de Moura Teles foi Arcebispo de Braga de 1704 a 1728. Cf. Almeida, *História da igreja em Portugal*, 604.

⁸ Assim “os franciscanos promoveram a sua demolição [convento], edificando um novo convento e nova igreja. Estas novas construções traduziram-se na mutilação parcial do templo primitivo, que ficou literalmente ocultado no meio das paredes conventuais.” Luís Fontes, *S. Frutuoso de Montélios* (Braga: Comissão Regional de Turismo do Verde Minho, 1989), 6.

⁹ Ernesto Korrodi esteve em Braga entre 1889 e 1894 como professor, e, entre 1895 e 1898, torna-se membro da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos e da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses. Em 1898, publica o artigo “Um Monumento Byzantino-Latino em Portugal”. Cf. Lucília Verdelho da Costa, *Ernesto Korrodi 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património* (Lisboa: Editorial Estampa, 1997), 149-154, 311.

¹⁰ O projecto de restauro foi desenvolvido por João de Moura Coutinho. E, era Baltazar de Castro o Director dos Monumentos durante o restauro de S. Frutuoso de Montélios. Estava também na

anos 30 a 40 do séc. XX. O actual aspecto da capela é, significativamente, o resultado desta exaustiva intervenção de restauro. Porém, é no decurso destes trabalhos que são descobertas partes da forma dos seus muros.

A Capela de São Frutuoso de Montélios apresenta a planta centralizada em cruz grega, aproximadamente inserida num quadrado. Distingue-se na sua configuração pelos braços rectos no exterior e em três deles, pela planta de curvatura ultrapassada no interior. A sua cobertura não foi resolvida durante o restauro, em parte, por falta de coerência na solução apresentada e por falta de unanimidade entre responsáveis e entendidos. É composta por uma quadra central, considerada o corpo mais antigo e não intervencionado. Esta quadra central estabelece ligação com os quatro braços através de uma tripla arcada, e é encimada por uma cúpula semiesférica.

Tenhamos presente que a Capela de S. Frutuoso se apresenta como uma obra complexa, de um tempo bastante recuado e que vem, repetidamente, a ser alvo de transformações ao longo do tempo. Resta realizar uma abordagem cuidadosa e atenta ao seu contexto e à identificação das suas formas e elementos originais. E, com apoio num levantamento métrico e por meio comparativo, analisar que princípios estão na base do seu desenho. Como já indicado este estudo comparativo tem duas obras de referência: a Basílica de Dume, e a Capela do Bom Jesus de Valverde.

A Basílica de Dume encontra-se nas proximidades da Capela de S. Frutuoso, e foi construída por volta de 550, por ordem do rei suevo Cararico. A construção da basílica é marcada pela chegada de São Martinho, que irá elevá-la a sede episcopal e fundar ali um mosteiro. Os restos da basílica primitiva de Dume, indiciam uma planta de tipologia cruciforme de referência latina, com a presença de uma cabeceira trilobada que se desenvolve ao redor de uma quadra central. Esta cabeceira articula três absides de planta semicircular, que apresentam restos de colunas encostadas às suas paredes, embora independentes.

A proximidade geográfica e temporal com o nosso objecto de estudo faz da Basílica de Dume uma obra fundamental, admitindo que poderá ter servido de modelo directo a S. Frutuoso, e ainda como referência a obras do reino de Toledo. De forma que poderá servir a compreensão destes edifícios num contexto suevo-visigótico.

Por sua vez, a Capela do Bom Jesus de Valverde, localizada na cidade de Évora, distingue-se deste grupo de obras ao ser um exemplar do séc. XVI. A capela está inserida no conjunto conventual de Valverde, e tem datação atribuída a cerca de 1542, sendo ainda discutível o seu arquitecto.¹ Segundo a tradição, foi mandada erguer pelo Cardeal D. Henrique após este ter visitado a Capela de S. Frutuoso de Montélios, o que indica que poderá ter servido de inspiração ao seu projecto. A sua planta é centrada e segue uma lógica de cruz grega, na qual se articulam cinco octógonos. O octógono central eleva-se por meio de um tambor e é coberto por uma cúpula semiesférica, assente em colunas. Este articula-se com os quatro braços, também octogonais, que apresentam, tal como em Dume, colunas encostadas às paredes, mas independentes.

Como já referido, S. Frutuoso de Montélios não tem o interior das suas absides resolvidas, e embora o projecto de restauro e alguns estudos apontem uma solução tipo “baldaquino”, a sua relação com Dume e Bom Jesus de Valverde leva a especular se poderia ter, na sua origem, o mesmo tipo de solução.

altura envolvido no restauro de S. Pedro de Lourosa e S. Pedro de Balsemão. Cf. Maria João Neto, *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais: 1929-1960* (Porto: FAUP, 2001), 222-223.

¹ A sua autoria é divulgada, segundo Serrão, como sendo do arquitecto régio Miguel de Arruda. Cf. Vitor Serrão, *O Renascimento e o Maneirismo* (Lisboa: Presença, 2002), 74.

2. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Como em qualquer investigação foi necessário elaborar uma pesquisa inicial e leitura exaustiva. São vários os estudos dedicados com referências à Capela de São Frutuoso de Montélios. Este processo, não só permitiu recolher bibliografia de referência, como possibilitou aproximar as questões discutidas em História, História da Arte e Arqueologia. O material consultado é melhor entendido quando dividido em dois grupos: os primeiros estudos dos séc. XIX e XX, prévios à intervenção da DGEMN, e os estudos que foram desenvolvidos durante e após o restauro.

A Capela de São Frutuoso chega ao séc. XIX possivelmente muito alterada na sua origem e ocultada pelas paredes do convento de S. Francisco. No séc. XIX, Ernesto Korrodi lança os primeiros passos para a valorização da capela. O autor procura reestabelecer a sua planta original, o que resulta, em 1898, em “Conjecturas sobre a sua forma primitiva” e “Um Monumento Latino-Bizantino em Portugal”,¹ pensando-a “segundo o plano das basílicas bysantino-latinas”.² Na sua reconstituição ensaia uma igreja de planta basilical de três naves, onde o corpo central da capela correspondia ao cruzeiro.

Levantada a questão, seguem-se alguns estudos. Temos D. José de Pessanha com “A Architectura Bysantina: dissertação de concurso” (1907), que a define como “*uma igreja de caracter byzantino*” relacionando-a com o baptistério de S. Miguel de Tarrasa, S. Miguel de Linio e Igreja de St. Germiny-le-Prés.³ Em 1916, com “Um Monumento Bizantino em Portugal”, altera a sua tese para o “*typo latino*”.⁴ Gómez-Moreno, que ainda nos inícios do séc. XX, em “Iglesias Mozarabes” enquadra-a como um “*exemplar del tipo bizantino cuadrado y com crucero central (...)*” aproximando-a de Cristo de la Luz em Toledo, e San Martin em Segóvia. Refere-se ainda à capela como uma “*simplificación de San Vital, en Ravena*”.⁵ É ainda de referir Aguiar Barreiros, que publica em 1919 a obra “A Capella de S. Frutuoso em S. Jeronymo de Real de Braga” e em 1927, “Braga Monumental: a Catedral, a Capela dos Coimbras e a Capela de S. Frutuoso”, onde defende o traçado bizantino de planta centralizada em cruz grega.⁶

Nos anos 30 a 40 do séc. XX a Capela de S. Frutuoso de Montélios é então alvo de uma intervenção de restauro sob as opções adoptadas à data pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.⁷ A primeira fase de restauros decorre entre 1931 e

¹ “A designação «bizantino-latino» era então recorrente nos manuais de arqueologia da época, definindo o período da arte ocidental pré-românica” Costa, *Ernesto Korrodi 1889-1944 arquitectura, ensino e restauro do património*, 149.

² *apud* José Pessanha, *A architectura byzantina: dissertação de concurso* (Lisboa: Escola Typhographica das oficinas de S. José, 1907), 97.

³ Pessanha, *A architectura byzantina: dissertação de concurso*, 98.

⁴ O autor estava agora convencido que esta seria: “o vão resultante da nave média e do transepto de uma igreja visigothica de typo latino.” José Pessanha, “Um Monumento Bizantino em Portugal”, *Ocidente* 9 (Lisboa, 1919), 39-43.

⁵ O autor ainda se refere aos arcos como “de tipo godo.” M. Gómez-Moreno, *Iglesias Mozárabes Arte Espanõl de los Siglos IX a XI* (Madrid: Centro de Estudios Históricas, 1919), 97.

⁶ O “corpo mais antigo da capella, envolve, em si o systema constructivo do typo bysantino, cujo elemento dominante é a cupula central mais saliente, em volta da qual gira todo o edificio, não deixa de impôr-se o plano da cruz grega da primitiva egreja (...)” Manuel de Aguiar Barreiros, *A Capella de S. Frutuoso em S. Jeronymo de Real Braga: restos da antiquissima Egreja de S. Salvador de Montelios séc. VII* (Porto: Marques Abreu, 1919), 9.

⁷ Sobre os restauros dos Monumentos Nacionais: Maria João Neto, *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais: 1929-1960* (Porto: FAUP, 2001).

1938, segundo projecto de João de Moura Coutinho,¹ que direccionou a intervenção no sentido de recuperar a forma originária da Capela de São Frutuoso de Montélios.²

A intervenção resulta num aprofundado trabalho de intervenção que previa o isolamento da capela, permanecendo a ligação à Igreja de S. Francisco. A obra é alvo de um significativo desmonte do seu aparelho, o qual põe a descoberto as formas da sua traça primitiva, nomeadamente as absides de curva ultra semicircular. Os trabalhos de restauro são provisoriamente suspensos em 1938, data que marca o afastamento de João de Moura Coutinho, assumindo Baltazar de Castro a direcção total da obra e tendo como Chefe de Secção o Arquitecto Rogério de Azevedo. Rogério de Azevedo avança com um novo projecto, aprovado em 1939. No entanto, por divergências com Baltazar de Castro, é, no mesmo ano, afastado das obras.³

Importa referir esta breve síntese do que foi o restauro, pois centrou-se na época de construção da capela, admitindo a sua ordenação por São Frutuoso. E, durante e após a intervenção, desenvolveu-se uma polémica em torno do entendimento deste edifício, numa discussão que se baseia na sua atribuição à arquitectura visigótica ou moçárabe.

Encontram-se entre os principais defensores da tese moçárabe Manuel Monteiro,⁴ Alberto Feio e Sérgio Pinto.⁵ E, em torno desta discussão, em 1966, António de Azevedo discute o restauro levado a cabo por João de Moura Coutinho e as teses defendidas por Manuel Monteiro e Alberto Feio, concluindo que: “São as duas épocas do monumento – a pobre do séc. VII, bizantina, e a rica do séc. XI, mais clássica e com reflexos de moçarabismo”.⁶

Posteriormente, Carlos Alberto Ferreira de Almeida vem em muito apoiar a hipótese de uma reconstrução durante o período conhecido como da Reconquista, pelo

¹ “As reintegrações de Monumentos fazem-se pelas deduções indicadas pelo estudo dos elementos integrantes da sua reconstituição estrutural, ou quando estes faltem, pelo estudo comparativo com outros monumentos em que haja o mesmo carácter predominante, o mesmo estilo e afinidades na sua contextura e no seu revestimento plástico. Também se fazem por palpito a olho, como algumas há em terras que nós sabemos, mas se isso pode dar uma interessante peça de scenografia, nunca pode traduzir a verdadeira forma expressiva que animou esse monumento.” João de Moura Coutinho, *Capela de S. Frutuoso. A sua restauração* (1931), 1.

² Sobre o restauro da Capela de S. Frutuoso de Montélios consultar: João de Moura Coutinho, *As artes pré-românicas em Portugal: São Frutuoso de Montélios* (Braga: ASPA, 1978); Maria Mónica Brito, “As fases do restauro da capela de S. Frutuoso de Montélios. A fragilidade da reintegração nacionalista face à evolução historiográfica”, *Museu 10* (Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 2001), IV Série, 223-277.

³ Brito, “As fases do restauro da capela de S. Frutuoso de Montélios...”, 248.

Rogério de Azevedo apresenta uma nova solução para o posicionamento das colunas no interior das absides:

“A quantidade de materiais primitivos, entre os quais algumas aduelas de arco que, medidas no seu maior comprimento indicam que os arcos estavam encostados às paredes e não longe delas, a própria estrutura e o traçado das abóbadas acusando nitidamente a meia esfera, levaram-nos a este resultado, isto é, a adoçar às paredes as colunas, não as isolando no centro conforme a norma que se estava a adoptar no restauro.” *apud* Brito, “As fases do restauro da capela de S. Frutuoso de Montélios...”, 254.

⁴ Assim “a Igreja de S. Frutuoso (...) foi reconstruída na época subsequente à morte de El-Mansour (1001 ou 1002) em que se deu a libertação definitiva do Entre Douro e Minho por Afonso V” Manuel Monteiro, *S. Frutuoso: uma igreja moçárabe* (Braga, 1939), 19. O autor atribui a planta em círculo ultrapassado à arquitectura moçárabe: “o círculo quasi fechado como em S. Frutuoso, são uma característica inconfundível da arquitectura moçárabe.” Monteiro, *S. Frutuoso: uma igreja moçárabe*, 31.

⁵ Alberto Feio, *A Arte da Alta Idade média no Distrito de Braga* (Braga: E. Bracara Augusta, 1954).

Sérgio Pinto, “São Frutuoso de Montélios a igreja mais bizantina da Península”, *Bracara Augusta* (Braga: 1960), vols. 9-10.

⁶ António Azevedo, *O mausoléu de S. Frutuoso de Braga* (Braga: Livraria Cruz, 1965), 46.

séc. IX, que explora em “Arte da Alta Idade Média” (1986) no âmbito da arquitectura “moçárabe e da Reconquista”.¹

Por outro lado, autores que a interpretam no contexto da arquitectura visigótica são: D. Fernando de Almeida,² Helmut Schlunk,³ Pedro Palol,⁴ Theodor Hauschild,⁵ Jacques Fontaine⁶ e João de Moura Coutinho.⁷ Outros autores que também a estudam neste contexto são Aarão de Lacerda⁸ e Justino Maciel.⁹

Dos estudos mais recentes, resta referir Manuel Real, que elabora, em 1995, o estudo “Inovação e Resistência” onde defende uma reconstrução no séc. X, a apoiar a intervenção moçárabe, associando-a às obras cordovesas do séc. IX-X.¹⁰ Outro autor de referência é Luís Fontes, que refere a reconstrução associada à renovação do culto a São Frutuoso.¹¹

Actualmente, está a ser realizada uma intervenção nas ruínas do Convento de S. Francisco e em torno da Capela de São Frutuoso.¹²

¹ Almeida, “Arte da Alta Idade Média, 120.

² Assim “não podemos deixar de incluir a capela de S. Frutuoso de Montélios no ciclo visigótico, embora com alguns, poucos, reflexos do período moçárabe.” D. Fernando de Almeida, *Arte Visigótica em Portugal* (Lisboa: Edição do autor, 1962), 154.

³ O autor destaca a vertente bizantina: “No hay duda de que la iglesia de San Fructuoso se deriva de uno de estos modelos y que su trazado repite con bastante fidelidade el de los mausoleos bizantinos de la época de Justiniano. (...) Nuestra iglesia recuerda bastante el mausoleo de Gala Placidia, de Rávena” Helmut Schlunk, “Arte Visigodo”, em *Ars Hispaniae*, 227-323 (Madrid: Plus Ultra, 1948-1963), vol. 2, 283.

⁴ “San Fructuoso de Montelius está entre las obras de este siglo VII y posiblemente hacia su segunda mitad.” Pedro de Palol, *Arte Hispanico de la epoca visigoda* (Barcelona: Poligrafa, 1968), 134.

⁵ Theodor Hauschild, “Arte Visigótica”, em *História da Arte em Portugal*, dir. de Jorge de Alarcão, 149-169 (Lisboa: Alfa, 1993), vol. 1.

⁶ Jacques Fontaine, *El Prerrománico* (Madrid: Encuentro, 1978).

⁷ *São Frutuoso de Montélios* de 1978 é uma obra póstuma de João de Moura Coutinho. O autor defende a planta das absides como visigóticas: “O plano das três absides inscritas em maciços rectangulares, surgira com surpresa. [E] que esta forma construtiva teve grande expansão na Península, comprova-o o facto de não só muitas das igrejas moçárabes aproveitarem as fundações das visigóticas derruinadas, como, ainda, o de esse dispositivo, na mesma época, em paralelismos de formas, largamente se desenvolver na Gália merovíngia e na Itália ostrogoda.” Coutinho, *As artes pré-românicas em Portugal...*, 179.

⁸ Aarão de Lacerda, *História da Arte em Portugal* (Porto: Portucalense Editora, 1942).

⁹ Maciel, “A arte da Antiguidade Tardia”, 103-149.

¹⁰ “Embora a igreja de Montelios tenha sido doada a Santiago de Compostela, do ponto de vista construtivo, ela tem naturais afinidades portucalenses, mais do que galegas. Um conjunto de dados, leva-nos à conclusão que o mausoléu terá sofrido profunda reconstrução na primeira metade do século X. (...)” Real, “Inovação e Resistência...”, 66.

¹¹ Luís Fontes, *S. Frutuoso de Montélios* (Braga: Comissão Regional de Turismo do Verde Minho, 1989); Luís Fontes, “S. Frutuoso Revisitado ou a Recente Revitalização do Monumento”, *Forum 6* (Braga: Conselho Cultural UM, 1989), 41-56.

¹² A intervenção segue sob direcção da Universidade do Minho. Em 2015, o Convento de S. Francisco é cedido à Universidade do Minho, com vista à recuperação e reconversão do edifício com a instalação de um espaço museológico. A sua conclusão está prevista para 2018. Neste contexto, estão a ser realizadas escavações arqueológicas por parte da Unidade de Arqueologia da U. Minho, na envolvente próxima de S. Frutuoso. Cf. SIPA, “Convento de São Francisco/Igreja de Real/Igreja de São Jerónimo”, http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6974, (consultado em Janeiro e Agosto de 2017).

3. FONTES

Sendo a principal questão em torno desta dissertação o desenho da Capela de S. Frutuoso, interessa recorrer a fontes históricas que proporcionem uma aproximação desta realidade – oferecendo descrições e pistas sobre a obra em estudo. Inserem-se, nas fontes consultadas, o manuscrito de João de Barros, “*Libro das Antiguidades e cousas notáveis de entre Douro e Minho*” de 1549,¹ e a sua reedição revista, “*Geographia de Entre Douro e Minho*”, editada em 1919. Este documento é um importante testemunho e a mais antiga descrição conhecida do interior da capela de S. Frutuoso. O autor contabiliza 22 colunas, as quais são recuperadas no projecto de restauro apresentado por João de Moura Coutinho.

Destaca-se igualmente Frei Manoel de Monforte, com “*Chronica da Provincia da Piedade*” (1696), com edição impressa em 1751. O cronista disponibiliza uma descrição mais exacta da capela e esclarece a organização do seu espaço interior, contabilizando 24 colunas no seu interior. Reflete ainda sobre a sensação de espacialidade em S. Frutuoso de Montélios, ao fazer referência a uma multiplicidade de colunas, e ao apontar a relação entre esta e a Capela do Bom Jesus de Valverde. Merece ainda referência o facto de o autor indicar medidas em palmos,² o que permite pensar questões de medida.

Outro documento estudado é o manuscrito de António Machado Villas Boas, “*Antiguidade de Lethes*” (1712), anexado na obra póstuma de João de Moura Coutinho. O seu conteúdo pouco acrescenta às anteriores descrições, embora se destaquem as referências feitas às alterações realizadas pelos franciscanos, no arcebispado de D. Rodrigo de Moura Teles, e que permitem enumerar alguns passos desta intervenção.³

Inclui-se ainda a obra “*Chrónica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade*” (1762), de Frei Francisco de Sant’Iago. Em parte, as suas descrições parecem basear-se em autores anteriores, acrescentando por sua vez algumas particularidades curiosas, bem como uma reflexão sobre as dimensões da capela de S. Frutuoso, propondo ter existido um templo de maior dimensão mais adequado ao culto litúrgico.⁴ Tal leva a ponderar a hipótese da existência de uma igreja, a par da capela, entre o Mosteiro de S. Salvador.⁵

Faz ainda parte deste grupo de obras a transcrição [1532-1565] *Memorial das Obras que D. Diogo de Sousa mandou fazer*, presente na obra *O Mecenato de D. Diogo*

¹ A obra encontra-se disponível na página Biblioteca Nacional Portuguesa: <http://www.bnportugal.pt/>.

² As absides teriam “cada huma só dezeseite palmos, e meio de largo, neste tão pequeno espaço tem a Igreja vinte e quatro columnas (...) as quaes por ficarem tão espessas, e com tão estreitos intercolumnios, que alguns não passam de três palmos.” Monforte, *Chronica da Provincia da Piedade*, 233.

Não se sabe qual a correspondência em centímetros ao palmo indicado por Monforte, porém, a partir da sua descrição é possível deduzir esta medida como sendo entre os 19 e os 20 centímetros.

³ “Os padres com menos acordo do que devião desfizerão apoucos annos a Cappella Mor, por não poder fazer nella os actos da Comunidade com columnas que estão pello meyo e as tirarão que servem hoje no alpendre da portaria, e fiserão a cappella mais larga.” Villas Boas, 1712, apud Coutinho, *As artes pré-românicas em Portugal...*, 141.

⁴ “Não parece ser própria do dito Mosteiro, por ser muito pequena, e pouco accommodada para o culto Divino, pelo que he de crer seria sómente para sepultura do Santo, e para o concurso de gente, e exercicio do culto Divino haveria alli outro Templo.” Frei Francisco de Sant’Iago, *Chronica da Santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade* (Lisboa, 1762), 485.

⁵ A mesma hipótese foi também apontada por Monforte no séc. XVII. A presença da Igreja de S. Francisco/S. Jerónimo de Real do séc. XVIII, construída durante o arcebispado de D. Rodrigo de Moura Teles, e a anterior do séc. XVI, erguida na intervenção de D. Diogo de Sousa, vem assinalar um historial neste sentido. Destaca-se ainda que em consulta da obra de Rui Maurício, *O mecenato de D. Diogo de Sousa arcebispo de Braga: 1505-1532* (Leiria: Magno, 2000), 301-303, uma transcrição aponta que D. Diogo de Sousa “fez a igreja de Sam Hieronimo de novo”, o que leva a especular uma preexistência ainda anterior à igreja que D. Diogo de Sousa manda erguer.

de Sousa Arcebispo de Braga (1505-1532): Urbanismo e Arquitectura, de Rui Maurício.¹ Esta transcrição dá conta das obras realizadas por D. Diogo de Sousa em Braga, com pormenores interessantes para compreender as intervenções na envolvente da Capela de S. Frutuoso de Montélios.

4. METODOLOGIA

4.1 PESQUISA

Numa primeira fase, a investigação centra-se em apreender o conhecimento sobre a obra em estudo, seguindo-se o ver e abordar o edifício através de uma nova perspectiva – o desenho –, segundo as ferramentas de trabalho do arquitecto.

É elaborada uma pesquisa inicial que permita compreender a obra – o que se sabe sobre a Capela de S. Frutuoso, quais as suas questões centrais, como foi descrita e percebida ao longo do tempo, que estudos foram feitos e como é entendida actualmente. A mesma aproximação, quando necessária, é realizada para as obras que aqui são designadas a tratar: a Basílica de Dume e a Capela do Bom Jesus de Valverde.

No quadro desta pesquisa, foi também iniciada uma recolha de material gráfico. Alguns autores tratados no enquadramento historiográfico produziram desenhos a propor reconstituições para a capela de S. Frutuoso, plantas que dão conta das suas preexistências, desenhos livres e de observação do seu aspecto, que, no âmbito do restauro, incidiram na disposição das suas colunas e na solução do abobadamento.

Assim, este material gráfico encontrado em estudos prévios, e do qual se destacam plantas, conjecturas e fotografias, foram recolhidos, assim como a compilação de desenhos e fotografias da DGMEN disponíveis através do SIPA. Este material permite entender o pensamento da obra através do desenho, identificar elementos originais e as principais dificuldades em torno da sua reconstituição, e levam, também, a suscitar novas questões.

4.2 TRATAMENTO DE MATERIAL GRÁFICO E LEVANTAMENTO MÉTRICO

Parte do trabalho dedica-se a definir uma escala exacta e a produzir novos desenhos, pois, para o processo de compreender a comparar através do desenho, é necessário tê-los formalizados à mesma escala.

Após a recolha anteriormente anunciada, é seleccionada a planta com a representação mais fidedigna da Capela de S. Frutuoso de Montélios – a conjectura apresentada por João de Moura Coutinho. A presença de escala gráfica permitiu estabelecer uma escala o mais exacta possível, e, desta forma, as restantes plantas que representam S. Frutuoso são uniformizadas segundo esta referência.

Mas, uma vez que os elementos gráficos por vezes apresentam imprecisões, e para um maior rigor no decorrer da investigação, é necessário trabalhar com medidas exactas. Assim, foi necessário um trabalho de campo com visitas ao local do qual se elaborou um levantamento métrico. Este levantamento permite confrontar medidas, clarificar dúvidas, completar elementos em falta, e, principalmente, possibilita um estudo rigoroso do estado actual da Capela de São Frutuoso, com meio de medidas exactas, e que levou à produção de novos desenhos digitais: uma nova planta e um corte inédito.

De um modo geral, todas as obras que surgem ao longo da investigação, se estudadas e usadas em termos comparativos, necessitam também de ser redesenhadas e de ver redefinida a sua escala. No caso particular da Capela do Bom Jesus de Valverde e

¹ A consulta a esta obra foi sugerida na análise da Professora Doutora Lúcia Rosas, durante a nona edição do Workshop de Estudos Medievais.

de Santa Comba de Bande, foi possível medir no local, e sobre uma planta base, comparar e acertar algumas medições, e assim estabelecer uma escala o mais exacta possível.

Na impossibilidade de medir, adopta-se o seguinte método: obter representações presentes em estudos mais recentes e/ou rigorosos, e ter atenção à presença de uma escala gráfica. E, tanto quanto possível, comparar duas representações e/ou seguir as pistas de medidas anunciadas nos seus estudos. No caso de Dume foram tidas em conta as plantas produzidas por Luís Fontes, e as medidas apontadas nos seus estudos.

4.3 ANÁLISE DE MATERIAL GRÁFICO, FOTOGRÁFICO E TEXTUAL

Esta análise desenvolve-se em dois sentidos: identificar as partes originais da Capela de S. Frutuoso, e a partir disso elaborar um estudo cuidado.

É observado todo o material recolhido, desde gravuras e fotografias prévias ao restauro, que nos ajudem a perceber o seu estado, plantas dos elementos descobertos durante a intervenção de restauro, como a planta de José Vilaça,¹ e a de Helmut Schlunk e Theodor Hauschild,² ainda, a obra de João de Moura Coutinho, documentação e imagens da DGEMN e o estudo de Maria Brito sobre as fases de restauro. Após sistematização do material, segue-se a análise do mesmo, que embora não se preveja exaustiva, permite seleccionar os elementos mais seguros de serem estudados e, principalmente, quais poderão induzir em erro.

Uma segunda abordagem desenvolve-se com a observação das fotografias da DGMEN durante o restauro, que, embora existam poucas, dão conta de alguns aspectos da sua obra. Serviu de referência a metodologia presente na tese de doutoramento de Pedro Alarcão, em “Construir na ruína. A propósito da cidade romanizada de Conímbriga” (2009). Comparando-as com levantamento fotográfico efectuado, este processo permite uma nova perspectiva sobre o objecto de estudo, e a sua observação indica-nos questões, quanto às decisões tomadas, no quadro das intervenções de restauro.

4.4 ANÁLISE DA OBRA E ESTUDO COMPARATIVO: DESENHO, MEDIDA E PROPORÇÃO

Partindo das medidas obtidas no levantamento métrico, tanto em planta como em corte e alçado, procura-se determinar que unidade de medida está na base do desenho da Capela S. Frutuoso. Para tal, é procurado o menor quociente aproximado entre as medições obtidas, quando divididas por números naturais, e que medidas isoladas se repetiram com maior frequência. Por fim, é realizada a sua média aritmética. Para este estudo, foram tidas como referência a obra de Caballero Zoreda, “La iglesia Mozárabe de Santa Lucía del Trampal Alcuéscar (Cáceres) : arqueología y arquitectura” (1999) e a de Arias Páramo, “Geometría, metrología y proporción en la arquitectura altomedieval de la Meseta del Duero” (2012).³

¹ Manuel Torres López, “Tomo III España Visigoda: 414-711 de J.C.”, em *Historia de España*, dir. de Ramón Menéndez Pidal (Madrid: Espasa Calpe, 1960-1967), 660.

² José Manuel Pérez-Prendes, “Tomo III España Visigoda. La monarquía, la cultura, las artes”, em *Historia de España*, dir. de Ramón Menéndez Pidal (Madrid: Espasa Calpe, 1991), vol.2, 371.

³ Numa fase inicial do estudo procurou-se directamente a presença de duas medidas de referência, o pé romano e o palmo de 22 centímetros. Seguiram-se estas duas medidas de referência pelas seguintes razões: de uma perspectiva de continuidade do período tardioromano, foi tido em consideração o pé romano com cerca de 29,6 centímetros. Por sua vez o palmo de 22 centímetros surge como uma medida medieval portuguesa, difundida desde o séc. XIII, segundo estudos de Barroca e Lopes: Mário Jorge Barroca, “Medidas-Padrão Medievais Portuguesas”, *Revista da*

Após a análise isolada ao nosso objecto de estudo, onde se procura estabelecer a sua medida e módulo padrão, comprometemo-nos a tratar o objecto por meio comparativo, num método de experimentação que busca relações entre desenhos.

Como apoio deste método, temos como referência duas teses de doutoramento: “Arquitectura Portuguesa do tempo dos Descobrimentos” (2004) de Marta Arriscado Oliveira e “Arquitectura Portuguesa no Tempo Longo. Princípios de desenho e forma em igrejas de três naves” (2014) de Ricardo dos Santos. Esta comparação define-se pela sobreposição de planos, e procura estabelecer se existem relações de desenho, proporção e módulo-padrão e como estes se traduzem matematicamente. Visa igualmente o isolamento e tratamento de elementos concretos, sobrepostos ou dispostos a dimensões aproximadas, que permitam comparar hipóteses de desenho para as suas soluções. As questões fulcrais prendem-se com a procura de um módulo de referência e de proporções de escala, fazendo uso da ampliação ou da redução de desenhos, e dos mesmos princípios de desenho, como um meio, ou até ferramenta, para a elaboração de novos projectos arquitectónicos. Deste exercício traduz-se o conceito de pensar através do desenho – uma ferramenta de análise e estudo – que nos permite ponderar e testar soluções.

Outra componente relevante é o surgimento de hipóteses, como motor de novos estudos, que auxiliam a estabelecer um pensamento encadeado que faz parte da prática do arquitecto. Desta forma foram consultadas as “Actes du XIe congrès international d’archéologie chrétienne” (1989), que dispõem de um manancial de informação documental e gráfica bastante rica. O seu conteúdo serve de apoio para gerar ideias que, embora não se tratam de certezas, são uma forma de pensar e de manter presente várias possibilidades.¹

5. ESTRUTURA DO TRABALHO FINAL

A estrutura do trabalho final está organizada num total de seis capítulos que retratam diferentes fases da investigação. O primeiro capítulo trata a proposta da dissertação e o segundo é dedicado à problematização da temática, com levantamento de questões fulcrais para investigação. O terceiro capítulo dedica-se à evolução morfológica de Braga até à Alta Idade Média, de modo a contextualizar a edificação do Mosteiro de São Salvador. O quarto capítulo apresenta-se como uma breve abordagem a São Frutuoso, estabelecendo a relação temporal entre a fundação do Mosteiro de São Salvador e do mausoléu por São Frutuoso, e a reconstrução da capela por volta dos séc. IX-XI, com a renovação do culto ao santo. No quinto capítulo centram-se a questões principais que caracterizam a obra, desde a análise das descrições presentes em fontes históricas e das principais questões em estudos prévios, às intervenções e aspectos do restauro da DGEMN. A finalizar o capítulo é realizada a análise formal e o estudo aprofundado da sua métrica, integra ainda este capítulo uma reflexão quanto à sua função. O último capítulo contém o estudo comparativo, dividindo-se em três partes. A

Faculdade de Letras. História. vol. 9 (1992), 2ª Série, 53-85; Luís Seabra Lopes, “A cultura da medição em Portugal ao longo da história”, *Educação e Matemática 84* (Setembro-Outubro de 2005), 42-48. No entanto, sabe-se que existem variações na medida do palmo, e é improvável que fosse uma medida corrente no séc. VII.

A determinada altura da investigação mostrou-se essencial reformular esta abordagem, sendo a determinação da medida-base, presente em S. Frutuoso, resultado da observação das medições obtidas em levantamento e da realização de cálculos aritméticos.

¹ O apoio do estudo nas “Actes du XIe Congrès International D’Archéologie Chrétienne” esteve, de início, previsto como parte da metodologia desta investigação, porém, à data da sessão do IX Workshop de Estudos Medievais, e devido ao tempo determinado para a entrega da dissertação, não tinha sido desenvolvido o estudo nesse sentido e estava previsto não o fazer. No entanto, ficou entendido, durante a sessão e posterior discussão de orientação, a sua relevância, de modo que se retomou o seu o estudo.

primeira estabelece relações com a arquitectura paleocristã hispânica, hispanovisigoda e, pontualmente, referências moçárabes e asturianas. A segunda e terceira partes tratam, respectivamente, a relação com a Basílica de Dume e com a Capela do Bom Jesus de Valverde.

Índice proposto:

1. Introdução
 - 1.1 Objecto
 - 1.2 Objectivo
 - 1.3 Fontes
 - 1.4 Metodologia
2. A problemática
 - 2.1 Os princípios de desenho e os casos de estudo
3. O território: Braga na Alta Idade Média
4. O fundador: São Frutuoso de Braga
5. Objecto de estudo: Capela de São Frutuoso de Montélios
 - 5.1 Contextualização
 - 5.2 Fontes e enquadramento historiográfico
 - 5.3 Transformações ao longo do tempo
 - 5.4 Análise Formal, medida e considerações sobre a função
6. Estudo Comparativo: Desenho e proporção
 - 6.1 Antiguidade Tardia e o Hispanovisigodo
 - 6.2 Basílica de Dume
 - 6.3. Capela do Bom Jesus de Valverde

6. HIPÓTESES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início este revelou-se um tema complexo de tratar, não só quanto à obra central, como aos exemplos comparativos no âmbito da arquitectura hispanovisigoda. Estas obras apresentam dificuldades na atribuição de uma cronologia segura, ao passarem por reconstruções, intervenções e restauros profundos. Foi então necessário olhá-las com algum cuidado, apontando dúvidas e possíveis erros, e focar o estudo nos elementos considerados mais seguros e rigorosos, de modo a comprometê-lo ao rigor e seriedade.

Só após a assimilação de toda a sua problemática, foi possível olhá-la do ponto de vista do desenho, sem receio de lacunas ou incompreensões. A capela de S. Frutuoso foi assim entendida como um exemplar da arquitectura de transição entre a antiguidade tardia e o pré-românico, de traça que tem por base a cruz grega e a referência centralizada, e que se melhor entende no quadro de um conjunto de obras, como Sta. Comba de Bande (Orense), S. Pedro de la Mata (Toledo) e Sta. Maria de Melque (Toledo), com as quais mostra maior afinidade.

As principais hipóteses e conclusões são:

– A capela de São Frutuoso revelou uma métrica que tem por base uma unidade de medida com cerca de 0,33 m. Esta medida teve por base a análise dos valores obtidos no levantamento, e mostrou-se repetidamente e com coerência.

– Quando cruzados os dados obtidos com os estudos de Arias Páramo e Caballero Zoreda, já aqui citados, estes mostram-se em concordância com o conjunto de obras de arquitectura pré-românica estudado pelos autores. Caballero Zoreda afirma que esta métrica pertence a *“esquema que es propio de nuestra arquitectura altomedieval”*,¹ ou seja, dentro de uma tradição hispânica – uma medida peninsular.

¹ Luis Caballero Zoreda, *La iglesia mozárabe de Santa Lucía del Trampal Alcuéscar (Cáceres): arqueología y arquitectura* (Mérida: Junta de Extremadura, 1999), 110.

– Confirma-se a credibilidade desta medida, ao ter sido possível uma modulação com base em módulos de $0,33 \times 0,33$ m, que correspondem, de forma bastante clara, ao desenho da Capela de São Frutuoso de Montélios, tanto em planta como em corte.

– Foi elaborado um estudo do desenho da curva ultrapassada da abside Sul de S. Frutuoso. A curva é ultra semicircular ou ultrapassada (e não em ferradura como por vezes descrita), e define-se por ultrapassar o ser diâmetro em $3/5$ do raio.

– O mesmo estudo foi posteriormente realizado para os arcos da tripla arcada da abside Sul, os quais revelaram, essencialmente, uma distinta diferença entre os pequenos arcos da arcada tripla, e o arco de maior dimensão que os emoldura. Ainda, apesar destes pequenos arcos serem considerados ultrapassados, o desenho do seu intradorso leva a questionar se não deverão, antes, ser entendidos como peraltados.

Os estudos comparativos revelaram:

– Afinidades de desenho entre a Capela de São Frutuoso e Sta. Comba de Bande. As suas plantas apresentam uma escala bastante aproximada, com relações de desenho e traçados coincidentes. Pensa-se que possam ter uma base de modulação comum.

– No estudo comparativo de São Frutuoso de Montélios e São Miguel de Terrassa, ficou em evidência o mesmo princípio de desenho nas cabeceiras ultra semicirculares, ambas as curvas ultrapassam o diâmetro em $3/5$ do raio. Sobrepostas as plantas, S. Miguel é, como é evidente, de maior dimensão. No entanto, proporcionalmente, revelaram uma razão de $8/5$, muito aproximada da proporção de ouro, porém, esta hipótese carece de uma validação através de medidas exactas e seguras de S. Miguel.

– As relações de desenho estabelecidas entre a Basílica de Dume e a Capela de S. Frutuoso apontam uma relação de proporção. Foi com surpresa que as plantas apresentaram uma relação de proporção que leva a crer ser S. Frutuoso de Montélios, resultado de uma redução em cerca de $3/5$ do plano de Dume. Apoia-o ainda as relações de desenho presentes e o facto do plano de S. Frutuoso ocupar, justamente, o espaço interior desta basílica. Pensa-se ainda a possibilidade de terem uma mesma modulação, embora com uma unidade de medida diferente. É necessário um estudo rigoroso da métrica exacta de Dume para determiná-lo. Fica a questão se terá uma métrica mais próxima da tradição romana, numa continuidade da antiguidade tardia, ou, por sua vez, já contaminada pela referência de obras de outras regiões.

– Quando sobrepostas, as plantas de S. Frutuoso de Montélios e de Bom Jesus de Valverde, apresentam dimensões muito aproximadas, o que evidencia a mesma lógica de concepção que articula quatro braços ao redor do corpo central. Ambas apresentam relações de desenho, e aponta-se a possibilidade de terem um diâmetro aproximado nas cúpulas.

– O estudo comparativo focou-se na análise isolada das capelas de Valverde, e das absides de S. Frutuoso, orientando-se, em parte, em inquirir a solução e a dinâmica das absides de S. Frutuoso de Montélios.

Uma solução tipo “baldaquino” foi proposta por João de Moura Coutinho para as absides de S. Frutuoso, porém, ao olhar para a solução de Bom Jesus de Valverde e de Dume, questionou-se: porque não uma solução deste género, como foi proposto por Rogério de Azevedo, ao invés das colunas posicionadas ao centro, criando uma espécie de deambulatório, poderem também elas serem encostadas à parede?

Apesar da solução tipo “baldaquino” parecer pouco clara (na proposta de João de Moura Coutinho), poderá ser a mais certa de ali ter existido. E, apesar de tanto Dume como Valverde apresentarem as colunas encostadas às paredes, a dificuldade de desenhar este tipo de solução em S. Frutuoso (também pouco clara na proposta de Rogério de Azevedo), e a análise cuidada das crónicas, leva a descreditar agora essa opção. Ainda, o percurso circular através de zonas de transição ao redor do corpo central, que está presente em Bom Jesus de Valverde, remete para a solução de tipo “baldaquino”, que poderia, então, ser a das absides de S. Frutuoso de Montélios.